

Diana Silva

dianassdsilva@gmail.com

Escher - A Maior Exposição do Génio Holandês
De 28 de fevereiro a 28 de julho de 2019
Centro de Congressos Alfândega do Porto

Silva, D. (2020). Escher - A Maior Exposição do Génio Holandês. De 28 de fevereiro a 28 de julho de 2019. Centro de Congressos Alfândega do Porto. In P. M. Homem, M. Monteiro & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 09, pp. 137-144). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9r1>

Nota biográfica

Diana Silva é licenciada em Turismo pelo Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET) e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), tendo desenvolvido o projeto intitulado “Contributo Para a Conservação Preventiva dos Livros da Biblioteca da Casa Museu José Régio, em Vila do Conde”, sob a orientação da Prof. Doutora Paula Menino Homem.

Tem trabalhado como guia turística para diversas agências de viagens e como monitora em várias exposições temporárias e em alguns museus, como o Museu da Farmácia do Porto. Atualmente é doutoranda em Museologia na FLUP.

Biographical note

Diana Silva has a degree in Tourism from the Higher Institute of Business and Tourism Sciences (ISCET) and a master's degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (FLUP), having developed the project entitled “Contribution to the Preventive Conservation of Books at the Library of José Régio Museum House, in Vila do Conde”, under the guidance of Professor Paula Menino Homem.

She has worked as a tour guide for several travel agencies and as a monitor in several temporary exhibitions and in some museums, such as the Pharmacy Museum of Porto. She is currently a PhD student in Museology at FLUP.

Introdução

A exposição itinerante “Escher - A Maior Exposição do Génio Holandês”, esteve aberta para visita na Alfândega do Porto, entre 28 de fevereiro e 28 de julho de 2019. Foi organizada pela *M. C. Escher Foundation* em conjunto com o *Arthemisia Group*, que se assume como a empresa italiana líder na produção, organização e montagem de exposições de arte (*Arthemisia Group, s/d*), tendo como curadores Mark Veldhuysen, diretor da *M. C. Escher Company*, e Federico Giudiceandrea, um grande especialista na obra do artista.

A proposta curatorial da exposição, descrita no seu painel introdutório, consistia em “oferecer uma retrospectiva dos esboços enigmáticos e dos projetos paradoxais de M. C. Escher, começando com as suas primeiras gravuras e desenhos realistas inspirados na natureza e paisagens de Itália (...)”.

A exposição era composta por 135 trabalhos originais, distribuídos por 5 corredores, de forma cronológica e tendo em conta as influências e estilos que marcaram as duas fases da vida do artista: Antes de 1937, com as primeiras xilogravuras, litografias e desenhos realistas inspirados pela natureza e pelas paisagens italianas, durante o tempo em que M. C. Escher viveu e viajou por lá; Após 1937, com as estruturas matemáticas,

metamorfoses, ciclos, paradoxos geométricos e tesselações inspiradas pelas tesselações mouriscas do Palácio de Alhambra, no seguimento da segunda viagem de Escher ao Sul de Espanha.

O último corredor incluía trabalhos que Escher fez por encomenda e obras de outros artistas inspirados pela arte de Escher, como por exemplo Robert Fathauer, Peter Raedschelders e John Pakovsky. A exposição terminava com os filmes *Night at the Museum: Secret of the Tomb*, de Shawn Levy e *Inspirations*, de Cristóbal Vila, também eles influenciados pelo trabalho do artista.

Mauritz Cornelis Escher nasceu a 17 de junho de 1898, em *Leeuwarden*, e faleceu a 27 de março de 1972, em *Hilversum*, no norte da Holanda. Viveu cerca de 12 anos em Roma, onde entalhou diversas paisagens. Em 1937, mudou-se para a Bélgica e abandonou os temas naturalistas e as paisagens para se dedicar à investigação da cristalografia, das tesselações, da regularidade, das estruturas matemáticas, da representação de objetos impossíveis e do infinito. Durante a sua vida fez 448 litografias, xilogravuras e gravuras em madeira e mais de 2000 desenhos e esboços. (*M.C. Escher Foundation & M.C. Escher Company, s/d*).

Reflexão crítica

A origem da palavra Curadoria vem da palavra latina *Curare*, que significa tomar conta. Para Alegria (2013), os curadores são os cuidadores e os protetores dos objetos, para além de serem também os responsáveis por comunicar a mensagem pretendida pela exposição. A curadoria é um processo exigente e moroso, que envolve muita pesquisa, estudo, planeamento e escolhas. Uma das escolhas mais importantes é o local onde será realizada a exposição, que, conforme salienta Rosmaninho (2015 e 2016), transferirá significado à própria exposição, influenciando também a forma como o público a assimila. A escolha para esta exposição foi o edifício da antiga Alfândega do Porto, que se destaca tanto pela sua imponência arquitetónica, como pelos usos ao longo da história. Atualmente, este edifício está intimamente ligado à cultura, educação e organização de eventos, pois acolhe o Museu dos Transportes e Comunicações, disponibiliza um Centro de Formação e um Centro de Congressos e Exposições (Alfândega do Porto, 2017).

O espaço escolhido para a realização da exposição foi uma sala ampla, de paredes brancas. Os curadores criaram nesta sala, um itinerário expositivo, através da construção de cinco corredores, o que, para além de auxiliar

na orientação do visitante, tornou o ambiente mais acolhedor. Também optaram por tapar as janelas, impedindo a entrada de luz natural, sendo a iluminação feita através de fontes de luz artificial. Essa iluminação foi feita de uma forma cuidadosa e moderada, que, segundo Barker (2014), é essencial para uma contemplação mais concentrada por parte do visitante.

Outro aspeto que os curadores tiveram em conta foi o das cores utilizadas nas paredes da exposição. Mantiveram o branco das paredes ao redor da sala e selecionaram o cinza e o vermelho para as paredes que tinham sido construídas propositadamente para expor os objetos e delimitar o itinerário da exposição. Através de Gorton (2017), sabe-se que são necessários cerca de 90 segundos para as pessoas, após interagirem com um determinado produto, formalizarem uma impressão, que, maioritariamente, se baseia apenas na cor. Segundo Belcher (1997) e Gorton (2017), as cores branco e cinza são vistas como neutras. O branco não interfere com a interpretação das obras e devido ao facto de refletir a luz, ajuda a iluminar o ambiente e faz os espaços parecerem maiores. O cinza é passivo e cria um ambiente mais sóbrio. Já o vermelho é considerado uma cor quente e excitante, associada ao amor, podendo aumentar a atenção ou o nervosismo.

O contraste entre estas 3 cores gera uma espécie de equilíbrio, pois se, por um lado, o vermelho estimula, por outro, a passividade do branco e do cinza tranquiliza.

Também a temperatura e o som são elementos de grande relevo e que interferem com o conforto e o envolvimento dos visitantes. Nesta exposição a temperatura era agradável e o som dos diversos suportes audiovisuais era o adequado, por um lado, para se perceber a explicação e, por outro, para não interferir na contemplação das obras do artista.

Relativamente à dinâmica expositiva, como já foi referido anteriormente, estava ordenada cronologicamente e consoante as temáticas abordadas, o que, segundo Barker (2014), é uma das formas típicas de organização de coleções de um museu, acabando por auxiliar na compreensão do desenvolvimento da produção artística de Escher.

No que concerne aos suportes expositivos, destacam-se:

- O painel introdutório à exposição, que fazia uma pequena síntese da obra de Escher, definia a proposta curatorial, a estrutura e o sequenciamento da exposição;
- Os painéis informativos, que introduziam e contextualizavam, de forma temporal e espacial, as obras,

sempre acompanhados por uma fotografia impactante, a qual segundo Lidchi (1997) e Greenberg, Ferguson e Nairne (2005), naturalizava os textos, tornando-os mais persuasivos;

- O catálogo da exposição, as diversas fotografias e frases autobiográficas de Escher, dispersas pelas paredes ao longo do discurso expositivo;
- Os audioguias, os vídeos explicativos e as etiquetas que acompanhavam as obras, com a sua designação, ano de criação, nome do autor e da fundação detentora das obras.

É de referir que todos estes suportes eram bilingues, contendo explicação em português e inglês. Para além disso, os recursos humanos contratados para assegurarem a vigilância do local, disponibilizavam-se a esclarecer as diversas dúvidas dos visitantes.

Handler (1992), Lidchi (1997) e Goulding (2000), salientam que os curadores devem encontrar formas e métodos de captar o interesse e a atenção dos visitantes, o que se verificou nesta exposição, através do recurso constante a audiovisuais e a atividades de carácter imersivo, que convidavam o visitante a colocar-se no papel do artista ou a ser parte integrante da obra de arte. Estas atividades foram importantes para dinamizar a exposição e envolver o visitante, ajudando-o a interpretar

as obras e a perceber-las com uma maior proximidade sensorial.

Relativamente à forma de expor, os trabalhos estavam distribuídos ao longo das paredes, formando uma, duas ou 3 linhas, de maneira mais ou menos espaçada, conforme o destaque que os curadores pretendiam dar a cada obra. Para além disso, colocaram bancos em frente a determinadas obras, de forma a permitir ao visitante a sua contemplação com mais atenção.

“*Escher - A maior Exposição do Génio Holandês*” caracterizou-se, por fim, como uma exposição de modelo híbrido por ter englobado

elementos discursivos e imersivos. Os elementos discursivos (legendas, painéis informativos, som, fotografias, imagens, filmes, etc), em sintonia com Sitzia (2016), fomentam a reflexão e o espírito crítico, criando conhecimento através de informação cognitiva. Os elementos imersivos (atividades imersivas) criam conhecimento através da experiência concreta, vivenciada na primeira pessoa e da informação afetiva dela retirada. A conjugação de ambos contribuiu para uma melhor experiência do visitante, tornando-a mais completa e estimulante.

Referências

- Alegria, T. S. (2013). *O Papel da Curadoria como Difusora da Arte Contemporânea*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3202/1/DissertMestradoResumoIndIntrodTSRA2014.pdf> (Consultado: 20/12/2020).
- Alfândega do Porto (2017). *Sobre Nós*. Disponível em: <https://www.ccalfandegaporto.com/pt/sobre-nos/> (Consultado: 26/07/2019).
- Arthemisia Group (s/d). *Past International Exhibitions – 2019. Escher*. Disponível em: <https://www.arthemisia.it/en/home/> (Consultado: 26/07/2019).
- Barker, E. (2014). *Contemporary Cultures of Display*. New Haven & London: Yale University Press & The Open University. Disponível em:

Silva, D. (2020). Escher - A Maior Exposição do Génio Holandês. De 28 de fevereiro a 28 de julho de 2019. Centro de Congressos Alfândega do Porto. In P. M. Homem, M. Monteiro & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. 09, pp. 137-144). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9r1>

https://gallowayexploringart.files.wordpress.com/2014/08/barker_intro_cont-cult-display.pdf
(Consultado: 10/08/2020).

Belcher, M. (1997). *Organización y Diseño de Exposiciones: Su Relación con el Museo*. Madrid: Ediciones Trea. Disponível em: <https://vdocuments.net/michael-belcher-clases-de-exposiciones-en-los-museos.html> (Consultado: 18/11/2020).

Gorton, A. E. (2017). *Is Wall Color Significant to Museum Visitors? Exploring the Impact Wall Color in an Exhibit has on the Visitor Experience*. Washington: University of Washington. Disponível em: https://digital.lib.washington.edu/researchworks/bitstream/handle/1773/39770/Gorton_washington_02500_17381.pdf?sequence=1&isAllowed=y (Consultado: 29/11/2020).

Goulding, C. (2000). The museum environment and the visitor experience. *European Journal of Marketing*, 34(3/4), 261-278.

Greenberg, R., Ferguson, B. W. & Nairne, S. (Ed.) (2005). *Thinking About Exhibitions*. London and New York: Routledge.

Handler, R. (1992). On the valuing of museum objects. *Museum Anthropology*, 16(1), 21-28.

Lidchi, H. (1997). The poetics and the politics of exhibiting other cultures. In S. Hall (Ed.), *Representation, Cultural Representations and Signifying Practices* (Cap. 3, pp. 151-222). London: Sage Publications.

M.C. Escher Foundation & M.C. Escher Company (s/d). *Exposition Escher | Alfândega Convention Center Porto*. Disponível em: <https://mcescher.com/escher-in-porto-till-july-28th-2019/> (Consultado: 26/07/2019).

Rosmaninho, S. (2015). Da representação de um conteúdo ausente: A exposição da Arquitetura. In P. M. Homem, F. Couto, E. Freitas & J. Ramos (Eds.), *Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. 04, pp. 69-85). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, DCTP. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13772.pdf> (Consultado: 14/10/2020).

Rosmaninho, S. (2016). 15ª Bienal de Arquitetura de Veneza: “Reporting from the front” (ou a consciência social dos arquitetos). In P. M. Homem, A. Temudo, E. Freitas & M. M. Restivo (Eds.), *Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. 5, pp. 114-121). Porto: Faculdade de Letras da Universidade

Silva, D. (2020). Escher - A Maior Exposição do Génio Holandês. De 28 de fevereiro a 28 de julho de 2019. Centro de Congressos Alfândega do Porto. In P. M. Homem, M. Monteiro & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaíos e Práticas em Museologia* (Vol. 09, pp. 137-144). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9r1>

do Porto, DCTP. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14651.pdf> (Consultado: 14/10/2020).

Sitzia, E. (2016). Narrative Theories and Learning in Contemporary Art Museums: A Theoretical Exploration. [Em linha]. *Stedelijk Studies*, 6, 1-15. Disponível em: https://stedelijkstudies.com/wp-content/uploads/2016/06/Stedelijk-Studies_Narrative-Theories_Sitzia.pdf (Consultado: 14/10/2020).